

DELÍRIO E A INVENÇÃO DO SABER: O delírio enquanto invenção de saber e a invenção de saber acerca do delírio

*Raquel Coelho Briggs de Albuquerque**

RESUMO: O presente trabalho pretende abordar, por um lado, o delírio enquanto invenção de saber e, por outro lado, a invenção de saber, do sujeito, acerca do delírio. Por um lado, a invenção delirante pode possibilitar ao sujeito paranóico uma estabilização, localizando no mundo a partir de uma construção de sentido. Por outro lado, porém, essa mesma construção, por não ser partilhável, pode acabar afastando o sujeito do laço social. A partir da clínica, observa-se que, em alguns casos, o sujeito delirante é capaz de manter um certo distanciamento em relação ao delírio, construindo um saber acerca do mesmo. Perguntamos se é possível ao sujeito delirante prescindir de seu delírio sem, no entanto, deixar de servir-se dele.

PALAVRAS-CHAVE: Delírio. Paranóia. Direção de tratamento.

Introdução

Se há saber, se é possível colocar-se a pergunta sobre o saber, então é muito natural que eu me tenha agarrado com isso, porque a paciente de minha tese, o “caso Aimée”, bem, ela sabia. Ela confirma, simplesmente, aquilo de que vocês compreendem de que eu hei partido: ela inventava. O que não basta, por certo, para assegurar, para confirmar, que o saber se inventa, porque, como se diz, ela desvaraíva... Mas foi assim que me veio a suspeita.
(LACAN, Jacques. *Les non dupes errent*. Lição de 19 de fevereiro de 1974[tradução nossa

Este trabalho tem suas origens naquilo que podemos chamar um ‘encontro com a psicose’, no sentido de que a psicose suscita, naquele que se depara com ela, certo encontro com o Real. Se deparar com um sujeito antes e depois de um desencadeamento, traz à tona o inapreensível da realidade, ao mesmo tempo que impressiona pelo trabalho de reconstrução do mundo que se inicia a partir de então. É assim que nos interessamos pelo tema do delírio, acompanhando o árduo trabalho de sujeitos que, paradoxalmente, estruturam suas realidades delirantemente, ao mesmo tempo que fazem apelo à inserção no laço social.

No campo da psicanálise, encontramos muitos estudos em torno da tese freudiana de que o delírio é uma tentativa de cura (FREUD, 1911). Dessa forma, quando um sujeito psicótico chega ao consultório, sabemos que é preciso ouvir suas produções, considerando o delírio não como uma patologia a ser extirpada, mas como uma estruturação que permitirá ao sujeito se localizar no mundo e, até mesmo, se inserir no laço social. Entretanto, o delírio, tão importante ao sujeito, é também, muitas vezes, um impedimento à inserção no laço. A partir disso, como fica a direção de tratamento na paranóia? Como fazer com que a função delirante não acabe por isolar o sujeito do laço social? São estas, as perguntas que nos orientam neste trabalho.

O delírio enquanto invenção de saber

O delírio, como bem notou Freud (1915/2006), é constituído de palavras. E, embora o sujeito delirante esteja inserido na linguagem, ele encontra-se excluído do discurso, evidenciando, num primeiro momento, o quão inapreensível e aterrorizante é o Real e, num segundo momento, o quão fictícia é a realidade psíquica.

Tal qual aconteceu com Schreber (FREUD, 1911), num primeiro momento da construção delirante, é comum que o sujeito encontre-se sozinho, em um mundo

insuportavelmente ameaçador, no qual não se vê investimento libidinal algum, nem em si mesmo, nem nos outros. Essa fase do delírio evidencia a face de puro significante da linguagem, o insuportável do encontro com o Real, assim como o radicalismo do desamparo humano.

Num segundo momento da construção delirante – momento de uma construção megalômana – o sujeito delirante, ainda sozinho, excluído do laço, pode construir um mundo não tão ameaçador, no qual ocorre um investimento libidinal em si mesmo e se evidencia a faceta de significação da linguagem. É espantoso, nessa fase, o quanto o caráter radicalmente fictício da realidade psíquica fica evidenciado. Aqui, o sujeito constrói um laço com o Outro, sustentando sua existência. Um laço, entretanto, não partilhado, o que o leva, na maioria dos casos, a uma dificuldade de inserção no laço social. Esse investimento libidinal em si mesmo, porém, mostra-se importantíssimo na empreitada da tentativa de cura que o paranóico traça para si.

O delírio, essa invenção de saber, vem para dar consistência ao irrepresentável. Freud (1915/2006) nos diz que o delirante faz um investimento libidinal em palavras por não podê-lo fazer em coisas. Assim, se o sujeito, por algum motivo, está com medo de morrer, pode dizer, delirantemente, que seu fim está próximo, que estão querendo matá-lo, que está com uma determinada doença... como aconteceu com Roberto que, certa vez, trouxe o tema da morte e, conseqüentemente, do medo dela, a partir da afirmação delirante de que estava com câncer. Ele tinha um caroço nas costas, o qual afirmava ser um câncer, mesmo após as explicações médicas de que aquilo era apenas um cisto sebáceo que seria facilmente retirado. As invenções delirantes vêm para dar consistência ao que acomete o sujeito, como o medo da morte, por exemplo. E precisam ser ouvidas, ao pé da letra, como diz Lacan (1953-54/1985).

Os fenômenos elementares portam o saber sem a necessidade do deciframento. Assim, tanto a alucinação quanto o delírio – num primeiro momento - surgem enquanto expressão de um determinado modo de gozo, sem, entretanto, um mediador ante o Real. É só com a estruturação delirante, num momento posterior, que o delírio constituirá um anteparo ante o Real, uma invenção de saber.

É nesse sentido que, em *Construções em Análise* (1937), retomando o que havia sido assinalado em seu *Rascunho H* (1895), Freud traz uma analogia entre a estruturação neurótica – fantasística - e a estruturação psicótica – delirante - e afirma que em ambas haveria uma tentativa de explicação e de cura, com a diferença de que na psicose não seria possível recuperar o fragmento de experiência perdido que haveria sido rejeitado e que,

portanto, o delírio portaria um elemento de *verdade histórica* – aquilo que se torna verdade através do tempo – inserido no lugar da realidade rejeitada.

Seguindo os passos de Freud, Souza (1999) nos diz que a estruturação delirante tem por função estabelecer um intervalo feito de significantes que vêm se instalar entre o psicótico e o Outro, ou seja, uma tentativa de separação, sendo o delírio, “esse próprio intervalo” (p. 67). No mesmo sentido, Quinet (2000) afirma que a estruturação delirante tem a função de conectar e desconectar o objeto *a* – que na psicose é o próprio sujeito – com o Outro (p. 66).

A estruturação delirante permite ao sujeito a invenção de um sentido que formará uma cadeia significativa, em sua dimensão imaginária, isto é, de significação. Embora a dialética significativa não se instaure aí, é essa cadeia que permite ao sujeito localizar um objeto fora do corpo: “o processo delirante é uma tentativa do sujeito de fazer a separação desse objeto tentando localizar o gozo num objeto separado do seu corpo” (QUINET, 2000, p.64).

Alberti et Ribeiro (2012) afirmam a importância de o sujeito paranóico trabalhar no sentido de desfazer sua identificação mortífera ao objeto de gozo que ele se faz para o Outro. E isso, seria possível a partir da localização de um objeto que represente o sujeito, para além do corpo, e que ele possa então, oferecer ao Outro. Quinet (2000) nos lembra que “No caso da psicose, por esses objetos não estarem marcados com castração, eles tendem a retornar no campo da realidade do sujeito” (p. 65).

Dessa forma, segundo Soler (2007), ‘um significante representa o sujeito para outro significante’ [aforismo laciano para o sujeito do desejo] seria uma fórmula aplicável à paranóia, tornando possível, a partir da estruturação delirante, abordar o objeto *a* por uma outra via que não a de dejetos.

No desencadeamento de sua psicose, o sujeito é tomado pelo puro gozo, num encontro com o objeto que se dá pela via do Real. A partir da estruturação delirante, torna-se possível ao sujeito abordar o objeto por uma outra via. Mas, que via seria essa?

Sabemos que na psicose o objeto não é separado, não é marcado pela falta, trazendo um gozo narcísico ao sujeito. Seria possível falar de um amor (narcísico) na estruturação delirante? Allouch (1997) nos indica que a erotomania coloca o sujeito em uma posição outra que a da paranóia persecutória, aproximando-se da megalomania. Na erotomania, entretanto, o sujeito se coloca exatamente no lugar de objeto de amor, enquanto na megalomania, observamos a identificação de um objeto separado do corpo, ainda que

atrelado ao eu do sujeito. Lembremos que, enquanto a proposição freudiana da paranóia persecutória é “ele me odeia”, a proposição para a erotomania é “ele me ama” e, para a megalomania: “eu amo a mim mesmo” (FREUD, 1911). Tal proposição nos indica a via do amor, este que é sempre narcísico.

Essa estruturação, embora tão importante ao sujeito, por não ser partilhável, revela-se insuficiente para a inserção do psicótico no laço social. Construindo um mundo que gira em torno de si, o megalômano acaba não conseguindo investir em objetos externos. Por um lado, observamos na clínica, o apelo do sujeito psicótico pela entrada no laço: a tentativa, tantas vezes frustrada, de inserir-se em um grupo, de ter um trabalho, de namorar, de casar-se... E, por outro lado, a exclusão do sujeito, pelo Outro social, ante a invenção delirante, ante a loucura. Dessa forma, a inserção no laço social parece exigir que o sujeito possa, de alguma forma, prescindir de seu delírio, ao mesmo tempo em que a função do delírio como anteparo ante o Real faz com que o psicótico não possa deixar de servir-se dele. Seria possível ao sujeito psicótico, prescindir de sua construção delirante, com a condição de servir-se dela?

A invenção de saber acerca do delírio

*Não é nada raro que o doente, ao cabo de algum tempo,
Seja capaz de exercer certa crítica sobre o delírio
E que o delírio termine perdendo para ele seu caráter de realidade.
(Alonso-Fernández, 1976, p.462 [tradução nossa])*

A psicanálise nos ensina que a teoria deve seguir a clínica e não o contrário. Seguindo esse caminho, apresentamos a seguir um breve fragmento clínico, o qual indica a questão que aqui se coloca, apontando, por um lado, a estruturação delirante e sua função de anteparo ante o Real e, por outro, certa mudança de posição do sujeito em relação a seu delírio, na qual parece ficar menos tomado por ele, construindo uma relação com a invenção delirante distinta daquela do momento de deflagração da psicose. De que se trata nessa posição? Poderíamos falar de uma mudança de posição em relação ao saber delirante? Em que medida isso serve ao sujeito no sentido de uma inserção no laço social?

Um sujeito delirante, que se diz membro do exército, imediatamente após dizer que estava pensando em abandonar essas coisas, que andava cansado disso, nos relata seu sonho que qualificou de ‘revelador’: “eu estava numa luta contra meus inimigos. Então, enviaram uma generala [feminino de general] para me ajudar. Mas ela deu ainda mais trabalho, pois eu tinha que tomar conta dela. E então, três amigos apareceram no meu sonho e

disseram que aquilo tudo era uma ‘viagem’. Eu neguei e então eles me levaram para dentro de uma casa, para a frente de uma janela, a qual estava tampada com tábuas... me mostraram que não havia nada ali, só tábuas. Eu disse que não acreditava neles, que aquilo tudo estava acontecendo lá fora. Eles então me disseram: ‘vamos provar para você’. E me mostraram uma filmagem na qual eu mesmo pregava as tábuas na janela.”

É importante ressaltar que este sonho surge no contexto de um movimento do sujeito que parece indicar certo rearranjo em relação ao saber delirante que se lhe impõe. Já há algum tempo, em não raras vezes, esse sujeito, imediatamente após contar seus delírios – que oscilam, atualmente, entre uma opaca perseguição e uma consistente megalomania – nos diz: “viajei”, ou então, pergunta quase que retoricamente, “estou viajando, né?”. E em seguida, costuma falar dele mesmo, das dificuldades da vida, mas, sobretudo, das dificuldades da vida que não se impõem apenas à ele.

Esse sonho parece indicar a tentativa de inscrever uma fronteira entre o eu e o Outro. Aqui, o saber delirante, frente o qual o sujeito psicótico se encontra como testemunha, como mártir do inconsciente, lhe é apresentado, pelos amigos do sonho, como sua própria invenção.

Na psicose, o sujeito ocupa uma posição de objeto em relação ao saber: a psicose é por excelência o lugar daquele que porta o saber (um saber que vem do Outro), um saber que chega até o sujeito sem dialética, objetalizando-o. Seja na vertente esquizofrênica da falta de sentido, seja na totalidade de sentido apresentada na paranóia, o sujeito ocupa, ali, a posição de objeto deste saber.

Na psicose, não é o sujeito quem porta o saber inconsciente, introjetado pelos significantes de sua identificação simbólica; mas é o Outro quem porta esse saber, absoluto em sua falta de falta. Por não haver falta no nível do Outro, não há desejo, mas puro gozo.

Essa estrutura de saber pode ser colocada em evidência através do chamado ‘delírio de suposição’. Nesse delírio, o sujeito crê saber que o Outro sabe, sem sequer a “necessidade de saber, de inventar aquilo que o Outro sabe” (Allouch, 1997, p.440). O Outro sabe e ponto.

Assim, sendo o Outro, e não o sujeito, quem sabe, o psicótico fica no lugar de testemunha: ele testemunha, como Lacan (1955/56) nos indica, o saber que vem do Outro.

O psicótico é mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é

preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado, numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha, e de partilhá-lo no discurso dos outros (LACAN, 1955/56, p.153).

É comum pensar-se que o sujeito paranóico é aquele que sabe tudo, em torno de quem tudo gira – sobretudo em casos de delírios megalomaniacos. Entretanto, Lacan (ibidem, p.157) indica a descrição dessa diferença no texto do próprio Schreber, o qual está transcrito a seguir:

Tudo o que acontece se refere a mim. Ao escrever essa frase, estou plenamente consciente de que as pessoas logo pensarão em uma imaginação doentia da minha parte, pois sei bem que justamente a tendência a referir tudo o que acontece a si mesmo, relacionando-o com a própria pessoa, é um fenômeno que acontece com frequência em doentes mentais. Mas na realidade, no meu caso, passa-se o contrário. Desde que Deus entrou em uma conexão nervosa exclusiva comigo, eu me tornei para deus, num certo sentido, o homem, ou o único homem em torno do qual tudo gira... (SCHREBER, 1903[2006], p. 205).

Destacamos a expressão “o homem, ou o único homem em torno do qual tudo gira”, uma vez que essa expressão se aproxima da descrição de Gérard Primeau¹ de seu mundo imaginário, no qual ele estaria no centro, um “centro solitário”, donde ele é único, “uma espécie de Deus, de semi-deus”.

Gerard Primeau (cujo nome verdadeiro não se sabe) é um paciente entrevistado por Lacan (1975) na década de 1970 que apresenta delírios paranóicos e, num momento posterior, reavalia, de certa forma, suas principais afirmações delirantes de grandeza. É o que nos chama especial atenção em “Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan”.

Na entrevista em questão, o paciente fala a Lacan e ao público presente sobre sua vivência psicótica. O texto, em todo impressionante, nos chama a atenção em especial pela capacidade com que o paciente descreve, separadamente, seu mundo de delírios e seu mundo de realidade; ainda que, apesar dessa mestria, o primeiro continue afetando o segundo, rigorosamente: “Sou consciente desse mundo separado, mas não estou certo de estar consciente de que esse mundo é separado” (LACAN, 1975, p.7).

“É isto puro fruto da minha imaginação, ou eles realmente me ouviram? Eram ambos telepatas receptores, ou é pura imaginação, uma criação?” (LACAN, 1975, p.14)

¹ Paciente que Lacan entrevista no ano em que faz seu seminário *O Sinthoma*, e o qual invoca ao falar das falas impostas de Joyce (Lacan, 1975/76, p.93). Neste seminário Lacan chega a se referir às falas impostas de Gerard Primeau como *sinthoma* (ibidem, p.91).

Evidencia-se, nesta fala, o esforço intelectual do paciente para recobrar seu juízo, chegando mesmo a dirigir a um outro o saber sobre seu padecimento.

O termo ‘círculo solitário’, utilizado por Primeau, parece condensar isso que é seu ‘mundo imaginativo’. Um mundo só seu, onde ele reina soberano. Em contrapartida, esse mundo só seu parece invadir o ‘mundo real’, já que ele é um ‘telepata emissor’ e, assim, suas reflexões mais íntimas tornam-se declaradas. Paradoxo fundamental: se, por um lado, as ideias delirantes não são partilháveis e o sujeito aponta isso com o uso do significante *solitário*, por outro, sua vida íntima é partilhada além da conta, escancarada, num universo sem limites. Fica claro, portanto, que este círculo solitário, que o paciente designa ser sem fronteiras, é ele mesmo. Não é à toa que, ele próprio, localiza na falta de fronteiras – que aqui, podemos entender como a fronteira simbólica entre o eu e o Outro – o centro de sua questão:

O fato de falar desses círculos solitários e de viver sem fronteiras não implica contradição. [...] Estou num certo círculo solitário, porque estou fora da realidade. É por isso que falo de um círculo solitário. Mas isto não evita que eu viva num nível imaginativo, sem fronteiras. *É precisamente porque não tenho fronteiras que tenho a tendência a explodir um pouco, a viver sem fronteiras, e, se não se tem fronteiras para dar um basta nisto, não se pode mais lutar.* Não há mais luta (LACAN, 1975, p.12, grifo nosso).

Em relação ao círculo solitário, vivo sem fronteiras. Porém, em relação ao real, vivo com limites, se somente por causa do corpo (LACAN, 1975, p.13).

Na fala de Primeau, vê-se quase que um apelo a esse limite, para além do corpo. Um limite que seria o limite do sujeito enquanto tal, da impossibilidade de ser, tal qual em seu mundo imaginário, um semi-Deus, um eu ideal.

É, portanto, pela falta de internalização de uma ‘fronteira interna’, ou seja, pela falta do advento da Lei simbólica, que a lei aparece exteriorizada, desde fora, no Real. O único limite que o assegura, portanto, é o do corpo. Dessa forma, apesar de toda sua elaboração sobre seus delírios e da capacidade de distinguir intelectualmente seu ‘mundo imaginário’ do ‘mundo real’, ainda assim, ambos se confundem a ponto de o paciente não conseguir viver em sociedade. Se Primeau separa intelectualmente tais mundos, ele não pôde, entretanto, utilizar-se dessa separação – não, ao menos, até o dia em que foi realizada essa entrevista, quando Lacan (1975) chama a atenção para a gravidade do caso, sobre o qual ele não deposita esperanças.

Nos perguntamos até que ponto a elaboração delirante de Primeau permite ao mesmo uma separação entre seu eu e o Outro? Aqui, embora Primeau separe internamente esses dois mundos, ele parece permanecer em uma posição que é a de mártir de seu inconsciente. Sua estruturação delirante não é capaz, ao menos nesse momento, de forjar uma barreira entre seu eu e o Outro.

No ‘caso Aimée’, apresentado por Lacan (1932/1987) em sua tese de doutorado, após o atentado contra a atriz Huguete Ex-Duflos, a paciente recupera, de certa forma, seu juízo, e é considerada, pelos profissionais da época, curada: “nossa doente, que há algum tempo sofre incessantemente iguais desmentidos dos fatos, retira suas imputações e fica profundamente inquieta com seu próprio estado” (LACAN, 1932/1987, p.214).

Por um lado, em 1938 foi considerado que a paciente havia retificado suas ideias delirantes anteriores, reconhecendo-as como invenção de sua própria mente:

Certificado de quinzena assinado pelo dr. Mignot em 14-04-1938: ‘Apresenta-se e comporta-se normalmente, retifica nas suas afirmações seu delírio antigo e declara que perdeu a razão durante todo um período de sua existência’ (ALLOUCH, 1997, p.147).

Por outro lado, seu filho afirma que volta e meia “sua desconfiança persecutória a retomava” (DIDIER ANZIEU, 1986, p.16, apud ALLOUCH, 1997, p.74), demonstrando que, apesar da elaboração que se deu sobre o próprio delírio, algo de uma estrutura permanecia: um saber se impunha. Nesse caso, o empuxo ao assassinato do filho, ou seja, um saber no Outro, imposto desde fora, de que suas atitudes poderiam gerar o assassinato de seu filho.

Aqui, perguntamos se seria possível falar de um esboço de uma posição diferente daquela de testemunha, em que Aimée reconhece as produções delirantes como suas, ainda que, nos momentos de encontro com a castração, evidencie-se sua posição de mártir do inconsciente?

A expressão *jardim secreto*², utilizada por Aimée (ALLOUCH, 1997) para falar daquilo cuja revelação a fez passar ao ato é a mesma utilizada pelo paciente de Lacan (1975/2000), Gérard Primeau, e é bastante ilustrativa da severidade das exigências superegóicas na paranóia, com uma cobrança de perfeição que retorna desde fora e que tem um caráter de impossível. Alberti (2009) nos diz que, na psicose, o Outro é o supereu, daí o imperativo do gozo que retorna no Real.

² Essa expressão, *jardim secreto*, pode ser descrita como aquilo que é “o mais íntimo de sua personalidade” (CNRTL, 2009.)

Tanto em Aimée quanto em Primeau, a expressão “jardim secreto” remete à questão da culpa, da falha, da falta: “mesmo se a gente vive de maneira absolutamente correta, há coisas...” (LACAN, 1975/2000). De fato, é impossível viver de maneira absolutamente correta – seja qual for o ideal utilizado como referência – e, na psicose, quando essa disparidade é desvelada, a culpa retorna no Real, numa instância que se assemelha mais a um júri acusador e que pode ser tão impiedoso a ponto de impossibilitar o paciente de viver em sociedade, como acontece com Gérard Primeau.

O mundo que o sujeito cria delirantemente é um mundo à parte, como bem localiza Primeau, que sabe que seu “mundo imaginário”, como o chama, não é o mesmo que o “mundo real”. E também, que ele não é o mesmo em ambos os mundos. Em seu mundo imaginário, ele é “o centro solitário, uma espécie de Deus, de semideus de um círculo solitário”. No “mundo real” ele é apenas Gérard Primeau, um, entre outros. No mundo imaginário, ele é o Geai Rare Prime Au, ele é raro, ele é primeiro, é esse semideus em torno do qual tudo gira – como ele mesmo descreve. O Gérard Primeau sabe que seu mundo imaginário é solitário, que não é partilhável, mas não consegue operar uma mudança de posição em relação a esse saber (LACAN, 1975/2000).

A ideia do delírio como um mundo imaginário sem limites também aparece em *Memórias da loucura*, livro autobiográfico do jornalista Renato Pompeu. Pompeu (1983), entretanto, parece indicar uma posição que vai além da posição de testemunha desse saber, já que consegue, de alguma forma, operar algo com esse saber.

Ele descreve o delírio como a crença nas produções do inconsciente. Ainda hoje, toma remédios para conter as vozes que, sem a medicação, o invadem, e afirma a existência constante dos delírios em seu pensamento (POMPEU, 2011). Mas, longe de atribuir tal situação a uma simples doença, apropria-se, a seu modo, desse saber, e encontra um lugar partilhável para seus pensamentos: “Aprendi que as pessoas se chocam com os delírios verbais e não suportam conversar com um delirante, mas adoram ler delírios escritos, ver cenas delirantes nos filmes ou na televisão, ver peças de teatro delirantes” (POMPEU, 1983, p.12).

Chama-nos a atenção como é possível que um sujeito psicótico possa, ao menos de certa forma, saber de seu delírio, ainda que sem prescindir dele, fazendo uso desses pensamentos que o invadem, e transformando-os, até mesmo, em algo que o ajude a inserir-se no laço social. Mais que endereçar o saber delirante ao outro, tal qual fez Schreber com suas memórias, Pompeu parece localizar seu saber como algo singular, algo que se aproxima mais

de ‘*um* saber’ do que de ‘*O* saber’, ou seja, transmitindo-o não como verdade, mas como ficção.

Em suas “Memórias da loucura”, o autor se dirige ao Outro social, para partilhar aquilo que lhe acomete. Entretanto, ele não apresenta ao outro uma verdade absoluta, mas, sim, seus delírios, os quais se apropria enquanto objeto de sua criação. Pompeu fala, tal qual Primeau, de seu mundo imaginativo, definindo seus pensamentos delirantes como a crença nas produções do inconsciente. Dessa forma, as produções delirantes de Pompeu nos chamam a atenção não pelo seu conteúdo, mas pela posição em que Pompeu se coloca diante delas, localizando o que o levou ao desencadeamento, assim como falando de suas chateações a esse respeito.

Schreber nos apresenta o delírio como tentativa de reinserção no laço. Aimée nos apresenta o delírio em seu caráter de invenção do saber (LACAN, 1973-74/inédito), Gérard Primeau nos aponta a apreensão intelectual do delírio. E Pompeu assinala uma apreensão mais que intelectual de sua produção delirante, num fazer que vai além. É a partir de seus romances, invenção não do Outro, mas sua própria, que Pompeu dirige sua produção delirante ao Outro social. Vale destacar que, aqui, ele não parece dirigir *A* verdade ao outro, mas *sua* verdade.

Nesse sentido, perguntamo-nos, em que medida seria possível falar, com Pompeu, de um ultrapassamento da fronteira, como nos indica Soler (2007), de ‘mártir do inconsciente’ a ‘psicótico trabalhador’? Segundo a autora, é preciso, no trabalho com o sujeito psicótico, “atravessar a fronteira entre a doença propriamente dita e as tentativas de solução, entre o psicótico que é ‘mártir do inconsciente’, como diz Lacan, e o psicótico eventualmente trabalhador” (SOLER, 2007, p.186).

Haveria, aí, a operação de uma mudança em relação a posição do sujeito frente ao saber delirante? A clínica nos indica a possibilidade de o sujeito falar de seu delírio como uma invenção que lhe é própria, e isso nos chama a atenção na medida em que, de certa forma, parece haver aí a localização do sujeito em uma posição mais ativa, diferente daquela da psicose deflagrada e até mesmo diferente da posição megalomaniaca. Perguntamo-nos em que medida isso indicaria uma mudança de posição em relação ao Outro do delírio, o Outro do saber?

Retomamos, então, a questão que move o presente trabalho: Será que é possível ao sujeito, prescindir dessa construção delirante, com a condição de servir-se dela? A clínica nos indica que sim, ainda que não totalmente.

Referências

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito Adolescente*. Rio de Janeiro: Contra-capa, 2009.

ALBERTI, Sonia et RIBEIRO, Patrícia. Um caso específico de objeto na Paranóia. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Abr-Jul 2012, vol. 28, n.2, pp.197-203

ALLOUCH, Jean. *Paranóia: Marguerite ou A 'Aimée' de Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco (1968). *Fundamentos de la psiquiatria actual*. Espana: Ed. Paz Montalvo, 1976.

CNRTL. Dictionnaire d'expressions idiomatiques Français-Português-Français. France, 2008. Verbetes jardim secreto. Apreendido em 8 de janeiro de 2012 em: http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/voir.php?entryId=825&lang=pf

FREUD, Sigmund. Rascunho H: Paranóia [1895]. In: _____. *Obras completas ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.III.

_____. Notas psicanalíticas de um relato autobiográfico de um caso de paranóia [1911]. In: : _____. *Obras completas ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

_____. O inconsciente [1915]. In: _____. *Obras completas ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

_____. Construções em análise [1937]. In: _____. *Obras completas ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.XXIII.

LACAN, Jacques. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. [1932]. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. (1954-1955) *O Seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. *O Seminário. Livro 3: as psicoses*. [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *O seminário, livro 10: A angústia*. [1962-63] Rio de Janeiro: JZE, 2005.

_____. *Seminário, livro 21: Os não-tolos erram*. [1973/74]. Inédito.

_____. *R.S.I. O seminário*. [1974-1975] Versão anônima, em francês e português. S.d.

_____. Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan. [1975]. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 26/27, p. 5-16, abr. 2000.

_____. *O Seminário. Livro 23: O Sinthoma*. [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

POMPEU, Renato. *Memórias da Loucura*. São Paulo: Alfa-omega, 1983.

_____. Entrevista exclusiva para a dissertação realizada com Renato Pompeu em 30/11/2011. São Paulo: Inédito.

QUINET, Antonio. *Teoria e Clínica da Psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. [1903]. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

SOLER, Colete. *O inconsciente à céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. *A Psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

DELUSION AND KNOWLEDGE INVENTION: The delusion as invention and the knowledge invention about delusion

ABSTRACT:

This paper aims to broach, first, the delusion as knowledge invention and, moreover, the subject knowledge invention, about delusion. On the one hand, the invention may enable stabilization to a paranoid subject, locating himself on the world from a sense construction. On the other hand, however, this same construction, for not being shareable, can inadvertently repel the subject of the social bond. From the clinic, observes that, in some cases, the delusional subject is able to maintain a certain distance in relation to delirium, constructing a knowledge about the same. We wonder if it is possible a delusional subject to dispense his delirium, without, however, fail to make use of it.

KEY WORDS: Delusion. Paranoia. Treatment direction.

DÉLIRE ET INVENTION DE SAVOIR: Le délire comme invention et l'invention de savoir sur le délire

RESUMÉ:

Cet article vise à aborder, d'abord, le délire comme invention de savoir et, d'ailleurs, l'invention de savoir, du sujet, sur le délire. D'une part, l'invention peut permettre à le sujet paranoïaque une stabilisation, le localisant dans le monde à partir d'un construction de sens. D'autre part, cependant, ce même construction, pour ne pas être partageable, peut éloigner le sujet du lien social. De la clinique, il est observé que, dans certains cas, le sujet délirant est capable de maintenir une certaine distance par rapport au délire, a partir d'une construction de savoir sur le même. Nous nous demandons s'il est possible à le sujet délirant, se passer de son délire sans, cependant, cesser de le faire usage.

MOTS-CLÉS: Délire. Paranoïa. Dirección de la cure.

Recebido: 01.10.2013

Aprovado: 15.12.2013

©2013 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista